

LETRAMENTO FILOSÓFICO: ESCRITA, AUTORIA E ANGÚSTIA COM FOCO NO OUTRO DA ESCRITA

PHILOSOPHICAL LITERACY: WRITING, AUTHORSHIP AND ANGUISH WITH A FOCUS ON THE OTHER OF WRITING

Cristiano Dias da Silva¹
José Aldo Camurça de Araújo Neto²

Resumo:

O presente artigo objetiva abordar a recepção filosófica dos mestrandos da primeira turma do prof-filo, unidade IFSertãoPE, que tiveram contato com a disciplina Seminário de Pesquisa durante o semestre de 2023.1 (2023.2). Recepção esta que consistiu na abordagem de temas filosóficos abordados durante os primeiros contatos iniciais com a pós-graduação. Mesmo porque, muitos destes mestrandos estavam um pouco afastados da realidade acadêmica. Dito de outro modo, realidade essa que consiste no contato com textos de filosofia específicos e que possuem uma linguagem diferente daquilo que é trabalhado nas realidades escolares destes profissionais da educação. Para tanto, o método a ser utilizado é o relato de experiência. Tal relato fundamentou-se em contato com os textos utilizados durante a disciplina e a partir das impressões pessoais, tanto de vida quanto de mundo, os mestrandos interpretavam as situações a partir de sua leitura baseado nos textos indicados durante as aulas. Não por acaso que o foco destes relatos era a abordagem se colocando no lugar do outro, ou seja, de quem lê o texto pela primeira vez ou mesmo de quem acessa a realidade acadêmica em seus contatos iniciais.

Palavras-chave: letramento, escrita e outro

Abstract:

This article aims to address the philosophical reception of the master's students of the first class of prof-filo, unit IFSertãoPE, who had contact with the discipline Research Seminar during the semester of 2023.1 (2023.2). This reception consisted of the approach of philosophical themes addressed during the first initial contacts with the graduate program. After all, many of these master's students were a little removed from the academic reality. In other words, this reality consists of contact with specific philosophy texts that have a different language from what is worked on in the school realities of these education professionals. To this end, the method to be used is the experience report. This report was based on contact with the texts used during the course and based on personal impressions, both of life and of the world, the master's students interpreted the situations based on their reading based on the texts indicated during the classes. It is no coincidence that the focus of these reports was the approach of putting oneself in the place of the other, that is, of those who read the text for the first time or even of those who access the academic reality in their initial contacts.

Keywords: literacy, writing and other

¹ Ifsertão-PE, E-mail: cristiano.dias@ifsertao-pe.edu.br, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6911918355812560>

² Ifsertão-PE, E-mail: jose.aldo@ifsertao-pe.edu.br, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5939216902537188>

Introdução

Segundo Nietzsche (2006, p. 14 -15) o homem moderno perdeu a capacidade de interpretar em seus detalhes, isto é, tornou-se incapaz de deter-se sobre um pensamento, de refletir sobre sua realidade ou repensá-la. Ao aplicar esta abordagem à leitura no contexto escolar percebe-se que se lê muito e de várias maneiras. Ainda assim será que o aluno entende o que lê quando se trata de textos ditos acadêmicos?

Acreditamos que não. Mesmo porque, a falta de um arcabouço teórico fundamentado na existência de um vocabulário estruturante a partir do qual o estudante obterá o entendimento do texto que se apresenta a ele impossibilita seu avanço no campo do conhecimento ao qual o texto faz parte. Por isto, entendemos que no ensino de Filosofia poderíamos contribuir para o processo de aquisição do conhecimento associando diversos meios para exposição do conteúdo, abordagem de temas específicos, enfim, o letramento filosófico sendo pensado para além do texto.

Tendo como fundamento a questão do relato de experiência, percebe-se que os mestrados pertencentes ao prof-filo, unidade IfsertãoPE, adquirem não somente a questão do letramento filosófico, mas também desenvolvem o vocabulário filosófico e, conseqüentemente, a competência leitora de saber distinguir o que realmente se encaixa enquanto saber filosófico daquilo que não faz parte.

Tanto é verdade tal afirmativa que as próximas páginas do presente artigo serão um relato vivo, real e transparente, das várias abordagens filosóficas que os mestrados desenvolveram através dos relatos de experiência. A abordagem utilizada deu-se através da aplicação do enfoque historiográfico da cultura escrita. Tal ação implica o estudo do processo de aquisição de leitura em seu desenvolvimento histórico estabelecido por um diálogo entre as disciplinas de filosofia e de história. Através da história da leitura podemos entender o processo de construção do sentido do texto filosófico observados na apresentação das relações sociais estabelecidas na tríade autor-leitor-texto criadas por novas formas de apresentação do texto.

Em síntese, o processo de escrita não se resumiu somente na análise reflexiva do escritor, de quem elabora o texto pelo viés filosófico. Ao contrário, o olhar do outro, do leitor foi também levado em consideração. Mesmo porque é um processo dialogal de aprendizagem a interação do escritor e do leitor na qual ambos saem de sua condição passiva de produtor e receptor, respectivamente, e aprendem, reciprocamente, interagindo na construção do saber filosófico.

Vejamos a seguir o relato de alguns destes textos produzidos pelos mestrados do prof-filo, unidade IFsertãoPE. Durante a leitura destes depoimentos perceber-se-á que o conteúdo apresentado mistura, dois sentimentos:

- 1) A leitura com intenção de ser impessoal, em terceira pessoa;
- 2) leitura engajada, ou seja, utilizando-se de primeira pessoa como forma testemunhal de fazer parte do texto tentando apropriar-se das discussões trazidas durante o transcorrer da atividade proposta de leitura.

Eliane Maria do Nascimento Menezes³: Escrita e angustia

Na gênese deste texto que discorro, tendo como aporte o artigo: Letramento Acadêmico, Autoria e Alteridade: Um Olhar Sobre O (O) Outro da Escrita de Elzira Yoko Uyeno, destaco a angústia de M1⁴ como elemento norteador ao que se refere o processo de construção da escrita acadêmica. Sendo professora do Ensino Médio da Rede Pública, onde o acesso as literaturas que permitem adentrar no universo acadêmico são imensamente laboriosas, a angústia se faz presente, passando a atribuir ao orientador,

O mote da mensagem de M1 parece ter sido determinado pela ocupação do lugar que lhe é pré-determinado de mestrando, aquele que se inicia na tarefa de escrever um texto acadêmico e, como tal, ainda não sabe como fazê-lo e toma o orientador como aquele que sabe. Para além desse discurso determinado pelo imaginário discursivo, ocorre, no relato por M1 do processo de cumprimento da incorporação da resenha do livro indicado pela orientadora para compor o capítulo teórico de sua dissertação, um estranhamento em relação ao próprio texto (Uyeno, 2009, p. 31).

Perpassando os aspectos subjetivos da escrita acadêmica agregada às aprendizagens que ressignificam a prática docente, o Mestrado em Filosofia é um grande desafio. Fazer parte da primeira turma de prof-filo do IFSertãoPE, é um privilégio, e uma grande responsabilidade, nesta nova conjuntura, a Ágora filosófica me instrumentaliza e permite um novo reescrever; gestou-se o projeto de pesquisa e nesse percurso gestacional um parceiro no caminhar junto, o orientador, construir uma dissertação a partir de leituras cuja linguagem acadêmica corrobora para uma escrita que materializará toda a pesquisa,

Para além da evidência irretocável de que a escrita constitui a atividade que confere ao homem o estatuto de sujeito da cultura e, considerando a abrangência que sua pesquisa suscita, este estudo procede ao enquadramento na análise do estatuto do autor na sua relação estabelecida com o (O) outro os quais o constituem, a partir da proposição de um olhar discursivo sobre a escrita (Uyeno, 2009, p. 28).

O ato de escrever é algo complexo, as ideias muitas vezes não surgem de modo a atender as exigências do programa da disciplina, “os componentes da identificação imaginária, de importância para o presente estudo, constituem a imagem que se faz de si e o eu, o Outro” (Uyeno, 2009, p. 31), e, então o que escrever? Como seres produtores de cultura, somos incitados a deixar registrado no livro da vida nossas histórias e impressões, essa linguagem que ultrapassa o tempo deixa marcas que irão estimular no outro o desejo de ler nossa história.

³Graduada em História pela Faculdade de Formação de Professores de Arcoverde, Especialização em História pela UFPE, Especialização em Coordenação Pedagógica e curso de extensão em Filosofia. Atualmente é professora regente na Escola de Referência em Ensino Médio - EREM João Batista de Vasconcelos e Escola Municipal Inês Beatriz de Araújo no município de Tacaratu Pernambuco. Professora com mais de vinte anos de experiência, efetiva da Rede Estadual e Municipal de Ensino, lecionando as disciplinas de Filosofia e História no Novo Ensino Médio. Com excelentes habilidades nas relações interpessoais, e o desenvolvimento de habilidades que favorecem a prática docente, reconhecida capacidade proativa, gerenciamento e organização. Bolsista da CAPES-PROEB e Mestranda do PROF-FILO no IFSertão-Pernambuco, Campus Petrolina Zona Rural

⁴ No artigo em estudo M1 representa um mestrando em Linguística Aplicada de onde foram estudados enxertos de comentários, diálogos e mensagens eletrônicas, trocadas entre mestrandos e a orientadora.

Assim, “os processos de subjetivação se constituem de duas formas: pelos modos de objetivação que engendram os sujeitos, por um lado, e pelas maneiras por meio das quais o indivíduo se constitui como sujeito de sua própria existência, por outro” (Uyeno, 2009, p. 29)

Ao constituir laboriosamente a escrita acadêmica, mesmo que de modo autônomo e por vezes solitário, persiste a concepção que sem a presença constante do orientador nada produzirei, muitas vezes resistente em compreender a importância da liberdade que me é concedida nessa relação orientando/orientador. Porém, a busca por literaturas que fundamente a produção acadêmica evidencia a importância desta liberdade e autonomia, as diversas leituras que versam sobre o que desejo escrever. As etapas que versam sobre estas experiências podem ser articuladas segundo Uyeno (2009), em um primeiro momento, sobre a constituição do autor na relação com o outro; na segunda etapa, sobre a constituição do autor na relação com o Outro e, finalmente um corpus constituído de excertos de discurso que remetem à autoria para efeito de análise.

Sendo assim, a produção escrita traz em seu arcabouço a expectativa de externar as ideologias e contribuições presentes nas literaturas da qual me familiarizo ao longo do processo de construção da dissertação, entretanto [...] “acho que é isso/ foi depois que eu comecei a análise/ estou sentindo que não consigo mais descrever” (Uyeno, 2009, p. 32), muitas vezes a ausência de inspiração para produzir nos dá a sensação de impotência, seria assim a *mors* ou seja a morte do autor, estagnado e impotente diante desta ausência.

Por fim, é imperioso destacar que, as produções acadêmicas são extremamente importantes para a nossa sociedade. Isso porque torna acessível o conhecimento científico, amplia as informações sobre determinado assunto, tema, conteúdo, permitindo um maior compartilhamento do conhecimento. Fazer parte deste universo, tendo consciência do quanto poderei contribuir, traz um imenso orgulho. Fazer parte desta história, escrita por tantas mãos, primeira turma de Mestrado, IFSertãoPE, campus Petrolina zona rural.

Francisco das Chagas de Sousa⁵: Escrita e autoria as dificuldades para com a pesquisa

Escrever um texto acadêmico constitui-se num verdadeiro desafio para o mentor da escrita, pois este terá a função de instigar o leitor de que o texto acadêmico-científico não é meramente um texto qualquer e, sim uma produção profícua, por conseguinte, composta de elementos textuais com a finalidade de enriquecer a escrita. Para a concretização desse objetivo faz-se necessário recorrer a autores (escritores/as), dotados/as de gabaritos para embasarmos nossas argumentações referentes a inserção dos contextos a serem defendidos, ou melhor, precisamos recorrer aos cânones com o intuito de buscarmos fundamentações teóricas para locupletar o texto acadêmico a ser externado, o que não é uma tarefa fácil, mas firma-se como uma necessidade padronizada e, como uma forma de

⁵ Mestrando do prof-filo no IFSertão-Pernambuco, campus Petrolina Zona Rural. Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (2015), graduação em Jornalismo pelo Instituto de Educação Superior Raimundo Sá (2012) e graduação em História pela Faculdade Evangélica Cristo Rei (2007). Atualmente é professor / efetivo - UNIDADE ESCOLAR COELHO RODRIGUES e professor - Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Piauí; atuando principalmente no seguinte tema: FILOSOFIAS AFRO-BRASILEIRAS NO ENSINO MÉDIO: UM PROCESSO DE FORMAÇÃO FILOSÓFICA DECOLONIAL.

não escrevermos simplesmente de forma vã, o que está em estudo é, portanto, o amadurecimento do que pretende-se pesquisar.

A pesquisa acadêmica é um apanhado de intervenções de outros autores/as que devemos, no entanto, levarmos em consideração, uma vez que não há uma autonomia totalmente individual concernente ao autor, se na verdade encontro-me na construção de um texto acadêmico é fundamental pesquisar um aprofundamento sobre o assunto a ser averiguado. Na área de humanas construir um texto científico versa em trabalhar os elementos de um texto acadêmico amparado num conjunto de normas referenciais bibliográficas, que darão sustentação a pesquisa científica, desse modo na condição de um pesquisador não posso me considerar um indivíduo completamente imbuído do termo autonomia na acepção da palavra, pois para que realmente um texto ganhe a devida idoneidade precisa estar inserido de coesão.

Meu projeto de dissertação trata-se de estudar a Filosofia Africana e Afro-brasileira no currículo do Ensino brasileiro, em especial na Unidade Escolar Coelho Rodrigues, uma Instituição pública estadual localizada na cidade Picos/PI. O assunto em pauta não é uma tarefa fácil e, sim constitui-se como um desafio, já que no currículo brasileiro do Ensino Médio nas instituições públicas não há uma discussão sobre a filosofia africana e afro-brasileira e, portanto, a missão é pesquisar o porquê da não inclusão dessa disciplina no currículo escolar do ensino médio brasileiro, a discussão é muito profunda e ao mesmo tempo percebe-se o vilipêndio das organizações governamentais em trabalhar essas políticas públicas no cerne escolar, mas já é um assunto muito discutido na área acadêmica, o que não pode é ficar apenas numa discussão no interior das universidades públicas brasileiras.

Há uma necessidade de buscarmos fundamentações teóricas de outros autores/as, que partilha com o mesmo pensamento do pesquisador, ou então também é importante numa produção científica o pesquisador encontrar fatores contrários ao seu modo de argumentar uma determinada contextualização, assim sendo, poderá mostrar duas faces da pesquisa: uma abalizando sua pesquisa sobre determinado assunto e, outra vertente pode não concordar com o pensamento do autor-escritor.

Na verdade, o texto “Letramento Acadêmico” faz menções no primeiro momento ao filósofo Michel Foucault, o qual relata o processo de subjetividade ao escrevermos um texto. Esse texto não pode ser considerado como um produto acabado que foi composto apenas pela pessoa que o escreveu. É mero engano enveredar por esse viés, o **Outro** que terei como base para a fundamentação da pesquisa foi quem de certa forma contribuiu para que houvesse a execução de um objetivo que foi pensado nos moldes sequenciais para a segurança dos argumentos a serem expostos, ou seja, o **Outro**, nesse caso as fontes a serem debruçadas são os incrementos para a desenvoltura de uma boa redação científica quer seja, um artigo, uma monografia, dissertação de mestrado ou mesmo para uma tese de doutorado. Todavia, o assunto em pauta diz a uma acadêmica mestranda num processo de dificuldade com relação a explanação da escrita para conseguir escrever a dissertação.

Observa-se de forma nítida a mestrando utilizando-se das alegações de que não está conseguindo êxito na elaboração da escrita ao ser cobrada pela orientadora, que não entende a razão de o prazo para a entrega do texto não ter sido cumprido, contudo, a orientadora pede a mestranda explicar melhor o não cumprimento do prazo de entrega da escrita, ao tempo em que a mestranda diz que

está de fato encontrando de dificuldade para escrever. Uma vez que a orientadora não está convencida com os argumentos proferidos pela acadêmica, todavia, pede mais explicações sobre o não cumprimento do acordo, enquanto a mestranda relata. “Está sendo mais forte do que eu/ não consigo mais escrever”. Essa é a argumentação da mestranda não convincente ao entendimento da orientadora.

Então constata-se no parágrafo anterior que escrever com fundamentação teórica é uma tarefa árdua, e nesse caso a mestranda não está cumprindo com a sua função de pesquisadora. Trazendo esse contexto para a minha realidade também me encontro numa situação de não escrever como gostaria. A realidade dessa mestranda não é muito diferente da minha situação atual, no meu caso disponho de muitas referências, entretanto ainda preciso montar uma metodologia para colocar a escrita em prática, com base nas referências disponíveis.

Com relação a minha autoria, esta está sendo construída com uma consulta as fontes de filósofos/as, africanos/as de Moçambique e de filósofos/as afrobrasileiros/as, portanto, é uma pesquisa qualitativa, destarte na minha avaliação é uma quanto desafiadora, pois escrever significa não apenas envolver de forma implícita o inconsciente. Fazer uma reflexão acerca do que se escreve é uma característica avaliativa do acadêmico. Esta é uma ênfase do ponto de vista do psicanalista Lacan externado no texto. O texto precisa está muito bem relacionado com uma linguagem adequada no sentido de que o espectador entenda a proposta da produção científica. Sem a harmonia intrínseca da linguagem, da escrita e do sujeito autor não há uma nitidez relacionada a concretização de uma pesquisa direcionada ao público-alvo, nesse caso é a academia em se tratando de um curso profissional em filosofia.

Ao discutir de forma minuciosa a análise que se faz sobre um texto acadêmico, leva-se ao entendimento de que a escrita também é um discurso relevante e sobretudo deveria ser eloquente. Redigir um texto versa em encontrar dificuldades no sentido de exteriorizar as pretensões argumentativas no texto. Assim, podemos enfatizar que o autor/a, não é um ser vivo completamente ativo no que tange a contar não apenas com os fatores de autonomia e de autoridade como segmentos propriamente ineridos na autoria de um texto, pois autor/a de certa forma precisa desencarnar (morrer). É dessa forma que surge o autor/a para a vida acadêmica. Citar outros/as autores/as para fortalecer a sua pesquisa científica é um processo a ser obedecido. Cabe destacar que o processo da escrita é algo que se aprende ao longo do tempo.

Então a relação entre as espectadoras: mestranda e orientadora aparentam ser conflituosa, a acadêmica na visão da orientadora está produzindo muito pouco e precisa justificar o porquê. A acadêmica recorre ao argumento de que depois de ter iniciado uma sessão de análise clínica passou não mais ter inspiração para o desenvolvimento da escrita. É uma situação delicada, já que para a orientadora, o que de fato interessa é a produção acadêmica, sendo assim na análise da orientadora, a mestranda precisa cumprir com a função de escrever, a argumentação da mestranda não convenceu de fato a orientadora de que a acadêmica precisa de um tempo ou socorro para escrever o texto a qual foi submetida.

Por fim, na minha análise o viés existente entre ambas se resume ao fator produção, essa seria a tecnologia a ser posta em prática pela mestranda, o lapso ao qual a mestranda se refere caracteriza-se por parte da orientadora como sendo um subterfúgio para argumentar que a sessão clínica está atrapalhando sua escrita (escrita da orientanda), a título de ratificação já comentado anteriormente são elementos explicativos considerados pela orientadora não convincentes. A

orientanda precisa saber e, isso é uma justificativa da orientadora de que mesmo tendo de recorrer a outros autores/as não pode ser uma mera copista, o corpus do texto passa pela subjetivação até que se chegue ao ponto de aceitação, no texto se encontrará como o objetivo almejado mediante o que foi escrito.

Rita de Cássia Souza Martins⁶

O desafio de construir uma dissertação/tese e o rigor da escrita acadêmica: panorama, desafios e protagonismo nesse percurso

A construção da escrita acadêmica com suas normas, o rigor e por vezes a vaidade dos (as) teóricos e especialidades nos espaços universitários, os contextos dos lócus da pesquisa e a (in) segurança do (a) pesquisador(a)/estudante podem ser desafios significativos na “feitura” do texto que pressupõe conhecimento/arcabouço teórico significativo do tema, a aplicabilidade e coleta de dados na (s) metodologia (s) previamente selecionada, a sinergia entre o público envolvido e o(a) pesquisador(a)/estudante, as condições materiais disponibilizadas são aspectos que se não forem tangíveis podem comprometer o estudo proposto, e por tanto a escrita da tese/dissertação.

Dentro do contexto da escrita acadêmica, deve-se levar em consideração os aspectos subjetivos e a constituição da identidade humana de cada pesquisador(a) e a subjetivação do (s) contexto (s), considerando a relevância, a capacidade que cada um(a) constituem o processo da linguagem com a efetivação da palavra, que deve ser sempre constituídas de significação e de inteira interação entre o(a) sujeito(a) cognoscente que produz a sistematização das vivências do processo da pesquisa e os (as) sujeitos (as) cognoscentes pesquisados (as) de tal maneira, que a sistematização da linguagem com a constituição do “quebra cabeça” de palavras traduzam em uma produção que interconecte com propriedade a fundamentação teórica e as especificidades do lócus desejado e pesquisado. Dessa maneira, é relevante que pontes sejam (re) constituídas na inteireza da pesquisa, conectando pesquisador (a) e pesquisado (a), fundamentação teórica produzida nos espaços acadêmicos e os conhecimentos vividos e produzidos em cada lócus de pesquisa.

No processo de construção da escrita acadêmica, é importante que cada pesquisador (a) compreenda a relevância da temática, os(as) teóricos(as) e interlocutores (as) da especialidade selecionada e o melhor percurso do desenvolvimento da pesquisa. O pretense processo, ainda está em construção na medida que a Turma 2023-2025 encontra-se na fase de efetivação dos créditos acadêmicos com a produção de atividades acadêmicas que entre outros objetivos apresentam-se como mecanismos de conhecimentos, adequações e aperfeiçoamentos dos instrumentos e dinâmicas do processo de construção da linguagem e escrita acadêmica que pressupõe o uso significativo da PALAVRA.

⁶ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial - PPGADT/UNEB. Mestra em Educação e Cultura em Territórios Semiáridos - PPGESA/UNEB (2018). Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO do IF Sertão PE. Graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (1999). Graduação em Artes Visuais pela Universidade do Estado da Bahia (2012). Graduação em Filosofia pela Universidade Cruzeiro do Sul (2020). Professora EBTT efetiva do IF BAIANO no campus Senhor do Bonfim nas áreas de Educação e Filosofia. Atua e pesquisa nas áreas de Estudos Étnicos Raciais e Africanos, Estudos sobre a De(s)colonialidade à luz das epistemologias de Frantz Fanon, Fals Borda e Paulo Freire; Gênero, Cultura e Arte Brasileira e Africana, Filosofia e Filosofia Africana, Arte Educação e Educação do Campo; Educação de Jovens e Adultos.

Posterior a essa etapa, que não se incerra nela merso, haja vista que são indissociáveis e constínuas, passa-se a etapa da conclusão dos ajustes do projeto aprovado no Processo Seletivo, a qualificação, a coleta de dados no lócus da pesquisa e a feitura/tradução – pela PALAVRA do texto dissertativo, e no caso específico do PROF-FILO – *campus* IFsertãoPE, Zona Rural a inclusão do Produto Final que apresenta-se como o resultado da extrema necessidade do equacionamento ou minoração do problema identificado posteriormente. Nesses processos, a constituição da escrita é carregada de simbologias, processos de subjetivação e relação de poder dos vários sujeitos (as) envolvidos(as), que nem sempre são expostos e claros, mas estão presentes e devem ser transcritos ao longo desse processo, sempre de forma simples, clara e objetiva devidamente fundamentado por teóricos (as) especialistas na área e os (as) sujeitos (as) pesquisados (as) e eis o grande desafio de todo (a) pesquisador (a).

Klebio Jose Feitosa Coelho⁷

No Ensino Médio quando estudamos assuntos específicos das ciências humanas e sociais aplicadas, nosso documento de referência composto por diretrizes para o ensino brasileiro é proveniente da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Entretanto quando vamos para o Ensino Superior há uma separação dessas grandes áreas porque os documentos que passam a vigorar sobre as classificações dos cursos de graduação são outros, como **a árvore das áreas do conhecimento** elaborado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Nessas classificações vemos que as ciências humanas e sociais partem das sociais aplicadas, porque apesar de ambas se dedicarem ao estudo das sociedades, a primeira preocupa-se mais com o seu entendimento geral, enquanto a segunda aproxima-se de problemáticas circunscritas de comunidades delimitadas. Isso faz com que as áreas do conhecimento se desmembrem para afunilar aquilo que se pesquisa gerando subáreas. Assim, as ciências humanas são uma grande área que abarca diversas subáreas.

As ciências humanas são compostas por princípios fundamentais que procuram a explicação de fatos por meio do estudo de metodologias válidas para a aceitação científica. Por isso, que as hipóteses se constituem soluções provisórias para problemas levantados pela ciência. constitui-se por meio da lógica e de conhecimento científico preliminar.

Pensando em minha dissertação, parti da hipótese de que a filosofia existencialista de Sartre, e a filosofia existencialista de modo geral, poderia servir de apoio para os professores e alunos do Ensino Médio. E mais especificamente, poderia servir de base para uma nova disciplina implantada pelo Novo Ensino Médio, O Projeto de Vida.

Elzira Yoko, no seu artigo sobre *Letramento Acadêmico*, diz que o “autor se constitui pelos outros que lê e pelo outro que o constitui”. A autora também fala dos processos de subjetivação e identificações. Nas palavras dela, cada escritor se realiza por meio da linguagem e como tal, por meio da escrita.

Quando penso no porquê escrever sobre o existencialismo, vejo que as palavras de Elzira fazem sentido. Sempre tive um fascínio muito grande pelo grupo

⁷ Possui graduação e licenciatura em filosofia pelo Instituto Superior de Educação de Salgueiro (2011). Graduação em Teologia - Ateneu Pontifício Regina Apostolorum - Roma (2008). Especialização em psicopedagogia pela universidade de Pernambuco. Especialização em Sociologia pela Estácio de Sá. Mestrando do mestrado profissional em Filosofia - IFsertãoPE (Turma 2023). Atualmente é professor-Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Colégio Dom Bosco.

de escritores existencialistas. E até certo ponto, as ideias desses autores moldaram minha vida acadêmica e o modo como percebo o mundo ao meu redor. Concordo com a autora quando ela diz que a gente é constituído pelo outro que lê. Nas palavras dela, isso seria o processo de identificação.

Mas nem sempre é fácil o processo de escrita, de assimilação de ideias, da produção do discurso. Como considerar o outro no processo de subjetivação? Considerar o outro implica admitir a alteridade e heterogeneidade do autor. Cada indivíduo constitui sua própria existência. E nesse ponto, aparece a grande questão da originalidade. Isso faz pensar sobre meu texto. Ou seja, como não correr o risco de ser um pensamento alheio? Elzira faz a seguinte observação: “o que é um autor, se não, aquele que cita outros autores”. A escrita é heterogênea, no sentido que contém outros autores. Por isso, é sempre recorrente a perda de “originalidade” de um texto. Mas faz pensar também, que não existiria uma total originalidade, cem por cento pura, imaculada. Talvez um texto seja seu e de “outros”.

Desse modo, os outros, são importantes no processo de identificação daquele que inscreve. Elza diz: “se o inconsciente está estruturado como uma linguagem, esta estrutura se revela pelo escrito”. Posso pensar então, que a escolha do meu tema, de certo, já estava no meu inconsciente. E uma forma de externar isso é por meio da linguagem. E agora será também por meio da escrita. A autora fala de um processo de identificação. E isso, diz respeito a uma busca sempre por realização desse sujeito.

Mas nem sempre é fácil o processo de produção da escrita. O processo de identificação é fácil, e prazeroso. O que vem depois disso nem sempre é fácil. Colocar isso em um texto requer técnica, dedicação, repetição. Na maioria das vezes não conseguimos juntos os três. Uma outra questão citada anteriormente é a originalidade. Como citar outros e não se tornar um mero copista?

Talvez uma das soluções seja a relação do orientando com o orientador. A autora diz que a grande maioria vê os orientadores como aqueles que sabem tudo. Não vejo por esse ângulo. Mas entendo que a experiência dele é fundamental para a construção do conhecimento. Os caminhos que um orientando vai passar, já foram percorridos por ele.

Tenho dificuldades, terei dificuldades. Mas espero que elas se tornem cada vez mais leves, quando aplicadas a técnica, a dedicação e a repetição.

Poliana Coelho dos Santos⁸

A escrita é uma das manifestações culturais mais importante para a humanidade e na vida acadêmica, uma ferramenta indispensável na formação de um pesquisador, mas enfrentamos essa problemática da escrita entre os acadêmicos, porque na graduação são poucas as cobranças de trabalhos científicos e a escrita tem muito de subjetividade é algo de cada um e da formação de cada sujeito. Para Foucault (1997), a subjetivação faz parte dos processos de formação dos sujeitos, através das relações meios pelos quais somos capturados por relações de forças implicadas no processo das realizações das subjetividades sendo assim. Os processos de subjetivação se constituem de duas formas: pelos modos de objetivação que engendram os sujeitos, por um lado, e pelas maneiras por meio das

⁸ Bacharel em Direito, Licenciada em Filosofia, Especialista no Ensino de Sociologia no Ensino Médio, Mestranda do PROF-FILO/IF SERTÃOPE-Zona Rural; Professora celetista no Estado do Piauí. E-mail: poliana.coelho@aluno.ifsertao-pe.edu.br

quais o indivíduo se constitui como sujeito de sua própria existência, por outro (UYENO, 2009, P.3)

O processo de escrita sempre foi uma das minhas maiores dificuldades desde a alfabetização tive um processo lento de leitura e escrita desenvolvendo a leitura na terceira série do fundamental até hoje aprendo com dificuldade, porém sempre estou no exercício da escrita e leitura e em constante aprendizado e atualmente como mestranda vejo que continuo com limitações na escrita.

O mestrado profissional em filosofia tem possibilidade a prática da escrita constante, pois passei muito tempo distante da escrita e ao retornar pude constatar minhas dificuldades com mais clareza as quais estou tentando superar no percorrer do mestrado com a realização de mais leituras e colocando e por consequência exercitando a escrita na prática e esse processo tem muita subjetividade do sujeito, embora esteja em pleno exercício docente percebo que só melhoramos nossa escrita ao realizarmos trabalhos acadêmicos como resumos, artigos, projetos quando lemos nossos próprios trabalhos em voz alta ou contamos com o auxílio de uma terceira pessoa para ler com um olhar mais crítico, pois o leitor conseguir ver as imperfeições do texto com mais clareza, ma também é preciso ressaltar que o processo de escrita bem elaborada com clareza e objetividade é fundamental para o público ao qual deseja atingir trazendo uma escrita de fácil entendimento para quem vai ler seu texto.

É importante ressaltar também que quando temos dificuldade na escrita logo sentimos confrontação ao avaliarmos os trabalhos do colega e tenho sentido essa problemática ao avaliar trabalhos e vejo a necessidade de ter clareza na escrita para que o outro possa compreender por isso a necessidade do exercício da escrita e a prática da leitura concomitante. Estou em processo de aprendizado, pois na universidade não há essa preocupação com trabalho acadêmico tanto quanto no mestrado um exemplo disso como artigos, resumos pelo menos não somos obrigadas a submeter trabalhos, somente na conclusão do curso ou seja não somos estimulados a pesquisa como no mestrado, a sensação é de que no mestrado de dois anos o aluno escrever e ler tudo o que nunca escreveu em uma graduação de 5 anos, o mestrado te amadurece na leitura e escrita e espero superar minhas maiores dificuldades na escrita até o término do mestrado.

Miguel Rodrigues Leite⁹

Experiência pessoal com a pesquisa e escrita conforme compreensão da leitura feita do artigo de Elzira Yoko UYENO

Certamente, que todas as partes que constituem o texto científico são de igual importância, e essenciais a ele. Aprendemos que, seja a **introdução**, o **desenvolvimento** e as **considerações finais**, os **elementos textuais do artigo científico** devem deixar evidentes ao leitor todos os argumentos firmados, tudo abordado com sentido, credibilidade e relevância. Procuo *na introdução* ter um discurso claro e objetivo naquilo que se transformará num texto. **Entendo que o**

⁹ Mestrando em Filosofia pelo programa Prof-Filo da Universidade Federal do Paraná (UFPR), sediado no IF Sertão Pernambucano. Pós-graduado em Psicanálise e Saúde Mental pela Faculdade Einstein-Salvador e em Metodologia de Ciências Humanas por esta mesma Possui Graduação e Licenciatura em Filosofia pela Universidade CEUMA (2015-2018), Bacharel em Teologia pela FAE-Salvador, em Gestão Financeira pela Estácio de Sá-RJ (2020-2023) com especialidade em finanças. Especialista em Recursos Humanos (2021-2022). Membro do Conselho Federal de Educadores e Pedagogos CFEP-22002147. Professor das redes privada e estadual de ensino.

desenvolvimento é a parte principal do texto, que contém a exposição ordenada e pormenorizada do assunto. Nele expresso ideias, opiniões, associadas às de outras pessoas reconhecidas pela comunidade científica e, se necessário, com informações complementares, tais como gráficos e tabelas. Nas **considerações finais**, devem estar as respostas que obtidas por meio do trabalho, dos resultados da pesquisa, escrita *com brevidade, clareza, objetividade, e apresentando uma visão analítica do corpo do trabalho, inter-relacionando-o e levando em conta o problema inicial do estudo*; confirmando ou não as **hipóteses** levantadas, confirmando se os **objetivos** foram realmente concretizados mediante ao que se propôs.

Uma questão bastante incômoda que tenho refere-se à produção e sistematização do conhecimento adquirido. É muito chato estudar, fazer fichamento, selecionar muitos conteúdos e não ter esse método linguístico de ligar coerentemente o sentido daquilo que se está procurando expressar. E não é sobre a ausência de saber escrever os textos acadêmicos. Creio ser mais ausência de prática, se não pratico, não aperfeiçoar minhas habilidades. Leio em excesso, mas há essa falha em sistematizar o que foi estudado, encontrar a maneira eficaz de execução de um gênero textual de fácil digestão intelectual.

A produção textual, seguindo a ótica do artigo, pode se transformar no eu e tu, o *outro* no processo de elaboração dos textos escritos. Creio que isso acontece a partir do momento em que nos colocamos ao papel do leitor e procuramos nos afastar de si mesmos, contemplando o que foi escrito do ponto de vista do outro. Um processo em que o *eu* (autor) já vivencia de antemão o que o *outro* (leitor) vivenciará, procurando se colocar no lugar dele. Penso que termina sendo uma experiência que culmina muito bem no aperfeiçoamento da escrita, através do processo de reelaboração dos textual. Este processo de reescrita, no qual nos colocamos antecipadamente na posição do outro, faz com que passemos a agir como o interlocutor do nosso próprio texto. Entendendo assim, o papel estruturante que o *outro* possui no processo da nossa escrita acadêmica. Imprescindivelmente, nesse papel do *outro* notar-se-á claramente a possibilidade de nossa escrita textual possuir ou não um caráter de imersão, interação e interpretação da parte do leitor que irá experienciar nossa produção acadêmica.

Germano Alves Cavalcante¹⁰

Relatório da experiência de escrita do projeto

Meu projeto de projeto de pesquisa tem sido motivado pela inquietação vivenciada na sala de aula, ou poderia dizer, três inquietações que desencadeiam em problemáticas éticas não só à filosofia e seus profissionais, mas a todos aqueles

¹⁰ Possui Licenciatura em Filosofia pela Faculdade Entre Rios do Piauí - FAERPI, concluída em 2016. Atuou como professor substituto nas disciplinas de Filosofia, História, Arte e Sociologia na Escola de Ensino Médio de Campos Sales - EEM em 2017 na cidade de Campos Sales - CE. Licenciado em Pedagogia pela Universidade de Santa Úrsula em 2020. Pós-graduado em Tutoria em Educação a Distância pela Faculdade Educamais (Grupo Unimais) em 2020, em Administração e Gestão e Supervisão Escolar no mesmo ano. Pós-graduado em Docência em Filosofia e Teologia, Ética e Filosofia Política, Filosofia Sociologia e Ciências Sociais e Filosofia Contemporânea pela Facuminas em 2022. Possui ainda segunda licenciatura em Letras-Espanhol pelo Faculdade Cidade Verde em 2023. Atualmente atua como professor de Filosofia, Projeto de Vida e Sociologia na Escola Júlio de Mello da rede pública estadual de Pernambuco na cidade de Floresta em Pernambuco. Mestrando em Filosofia pelo Programa de Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Paraná em núcleo do Instituto Federal Sertão Pernambucano Campus Petrolina Zona Rural

e aquelas que abraçam a profissão docente e farão da sala de aula seu lar e atuação e convivência no maior período das suas vidas: primeiro como aplicar conceitos filosóficos à prática em sala de aula ou na escola que pudessem ser aplicados e analisados a partir de um retorno visível e presente que não se esperasse apenas pela vida social, mas sendo essa a começar a partir da escola? Segunda realidade incômoda, como são as práticas de alteridade e responsabilidade dentro da sala de aula, em nossos grupos de trabalhos, atividades e vínculos de amizade na escola, bem como a responsabilidade no que tange o cuidado com o espaço escolar e da sala de aula?

Essas duas inquietações se tornaram uma só convertidas para a minha problemática de pesquisa: como a filosofia pode contribuir para a formação de um sujeito ético e de responsável com o outro e com o meio em que vive? A ideia então era trabalhar a questão da alteridade a investigando como um processo na sala de aula e a ética da responsabilidade ou poderia dizer, o princípio responsabilidade e ainda fazer uma análise dessas contidas ou não no Currículo de Pernambuco, investigando como ele aponta tais questões direcionadas aos conteúdos e/ou às habilidades.

Tendo presente a grande problemática a pesquisar, a questão fora a fundamentação, o que através de uns livros didáticos já me ajudaram direcionando a um filósofo antes não conhecido, o Emmanuel Lévinas que trata da questão da alteridade e da responsabilidade irrecusável e indeclinável para com o outro; mais ainda, o Hans Jonas com o princípio responsabilidade, ambos propõem uma análise da filosofia como reconstrução sobre ética do outro ou da outridade e uma ética preocupada com as ações e os efeitos dessas para o meio, para vida como um todo e seus seres e para a vida futura; além disso, o Currículo sobre outro suporte e campo de investigação.

Devo mencionar ainda a metodologia e produto pensados. Acreditava ser possível trabalhar com os alunos do ensino médio através de um questionário objetivo ou de mesas-redondas questões que se voltem sobre a alteridade e as práticas dessa como da responsabilidade, ainda sugerir aos alunos a realização de atividades de intervenções na escola em que pudessem externar na prática a compreensão dos conceitos aplicados aos hábitos e vivências a partir da própria escola para a vida. Quanto ao produto, este estava ainda sob indecisão a cogitar a possibilidade da construção de um ebook ou de um jogo, talvez.

Até então era essa a ideia, era a escrita que se estava discorrer. Contudo, em decorrência de aconselhamentos, alterações conversadas e acordadas nos encontros com o orientador, também levando em consideração o tempo acadêmico e ainda ou principalmente ainda a apropriação de certos conceitos, tanto o tema como outras estruturas até então pensadas foram alteradas.

Em minhas leituras e fichamentos sobre o Emmanuel Lévinas tenho conversado com o orientador sobre minha dificuldade em compreender algumas partes de sua filosofia, que na verdade, é uma grande parte de sua filosofia a questão da fenomenologia. Antes disso já tinha retirado da ideia a investida na análise profunda e detalhada sobre o Currículo de Pernambuco, o que seria e daria um terceiro trabalho além da própria pesquisa de dissertação. Sob orientação e acordo com o orientador, também sob sugestões em aulas pelos professores, retiramos a temática em Emmanuel Lévinas como uma das temáticas principais e esse como um autor principal a ser explorado. Pretendo abordar a questão da responsabilidade para com o outro e até falar um pouco da alteridade, mas não como algo detalhado ou principal, mas com o direcionamento para a responsabilidade, afinal a ideia é falar de uma ética que desemboca para uma

conscientização e formação de um sujeito ético e responsável com os outros e com o meio.

Outras coisas que modificaram também foram a metodologia e o produto. Até então pensando em realizar um questionário e atividades com os alunos, vimos juntos, orientador e eu, a possibilidade de adotar como metodologia algo que contemplasse o protagonismo dos alunos, suas intervenções, conscientizações, as tecnologias como algo tão presente na vivência do (a) adolescente (a) e como metodologias ativas, e ainda a associação da filosofia à prática ou práxis e sua adaptação e investida no cinema fazendo uso desses recursos. Sendo assim, a pretensão é que os alunos possam construir um curta-documentário sendo esse a própria metodologia como processo de investigação e pesquisa com os próprios alunos, bem como o próprio produto que ficará na escola e poderá ser estudado, problematizado e até poder ser tomado por sugestão de atividade para outros alunos e professores da escola.

Tenho escrito um artigo que faz uma análise da perspectiva do Currículo de Pernambuco sobre a alteridade e suas práticas, e a ideia é seguir nesse caminho de escrita e pesquisa direcionadas a questão da alteridade e da responsabilidade. Atualmente, estou fazendo fichamentos dos livros e artigos para ajudar na captação de citações e, evidentemente, na leitura, finalizando agora estou o fichamento do livro sobre a alteridade de Emmanuel Lévinas “Entre Nós: Ensaio sobre a alteridade”, e ainda fazendo fichamento do “Princípio Responsabilidade” de Hans Jonas.

Diego Alves da Silva¹¹

Indubitavelmente a produção científica é um processo meticuloso e pautado por necessidades técnicas e disposição em coagular, tempo, leitura, consultas e o tão famigerado ócio produtivo. No entanto, o maior desafiador nesse enlace é a originalidade de pensamento e produção, assim, por vezes a escrita é solitária, ou perturbada pelos incontáveis teóricos e suas teorias sugestionadas no transversalizar do recorte pesquisado. Essa dicotomia que ora se apresenta pulverizada com muitas vozes, também se promove silente ao passo que nos indagamos se verdadeiramente é possível uma escrita originalmente e fidedignamente parida pelo seu próprio autor.

O texto proposto para reflexão “Letramento acadêmico, autoria e alteridade: um olhar sobre o outro da escrita” não apenas sugestiona ou problematiza uma hipótese, mas materializa uma realidade que não é distante dos mais elevados graus no universo acadêmico, ratificando que o ato da escrita transpõe a técnica, mas eleva-se ao grau de desprendimento e interação com a dinâmica sinérgica da produção.

Ao vislumbrar em uma perspectiva apreciativa o material, pude perceber que a escrita pode se tornar um grande obstáculo ao passo que não alcançamos o processo de subjetivação. Dessa forma nos distanciamos cada vez mais da originalidade, emancipação intelectual, além da autonomia na produção.

Nesse contorno introdutório, acima explicitado, me encontro em uma constante insegurança na produção, pois não se trata de escrever o que se pensa, ou ainda uma reflexão desprovida de padronização, mas uma pesquisa com rigor técnico, direcionada e para apreciação dos doutos acadêmicos com elevada

¹¹¹ Especialista em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia. Graduado em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco. Mestrando do PROF-FILO (Núcleo IFSertãoPE).

experiencia produtiva e trajetória de publicações. Ademais, a produção de ciência não é uma pratica que foi estimulada na minha jornada de estudos, nem mesmo estimulada na graduação, por pouco se introduziu lampejos de técnicas científicas bem longe da complexidade da pesquisa e do se fazer pesquisador.

Atualmente me vejo limitado com as escritas apenas das minhas bases teóricas, ou desprovido de criatividade para produção, ou até mesmo com receio de escrever algo como se não fosse meu, mas sim dos autores que tenho lido, além de me sentir como se tudo já foi escrito sobre o recorte da minha pesquisa e dificulosamente desafiado a compreender o que os filósofos queriam dizer com determinadas obras. Às vezes, e não é raro, me sinto como se o texto não tivesse sido escrito por mim, talvez pela exacerbada preocupação em atender a necessária ratificação de autores renomados na academia com suas vastas produções e correntes ideológicas. O somar de todos esses fenômenos produzem uma sensação de entranhamento e em algumas situações de distanciamento da autoria originaria. Esse sentimento foi aliviado ao perceber que o presente relato é mais comum do que eu imaginava.

O fato é que nossa sociedade permeia a cultura grafocentrica, tendo na escrita um canal de poder e prestígio, simbolizando quem sou para sociedade e para mim. Além disso, as leituras de mundo foram construídas pela lente do que me foi proporcionado, enquanto experiencia vivida, histórias contadas e lidas. Assim o construto ideológico direciona o pesquisador para um universo familiarizado, percebido e experienciadamente lido. Minha pesquisa remonta uma herança de ancestralidade que de alguma forma me trouxe para a atual pesquisa e rumou em direção as políticas afirmativas, bem como minhas leituras freirianas na graduação em Pedagogia que contemplam uma ótica libertadora de emancipação e autonomia, esse bojo convergiu para esse monte. Tudo isso evidencia que o sujeito do desejo inconsciente é parte ativa do manifestar da escrita dissertativa, ou seja: o sujeito ideológico, que também, no meu caso se confunde pela minha vivência pessoal.

Ao refletir e relacionar minha pesquisa, leituras e ponderações no ato de escrever, percebo que os lampejos de desânimo, ausência de inspiração para escrita, fazem parte da construção do “eu pesquisador” que também é o “eu escritor”. Existe um fenômeno que se repete a cada tentativa de ampliação da produção que é o encontro e o desencontro dos escritores, das ideologias das experiencias, dos desejos. Esse fenômeno tem se revelado a mim quase sempre nas conversações entre a tríade: obras, orientador e eu enquanto mestrando na dinâmica produtiva. Na esfera da orientação, cabe a motivação e o direcionamento para frutificar a ideia embrionária e é nesse monte que a minha pesquisa tem prosseguido. No entanto, percebo que essa é uma relação que também é construída (assim como a escrita) e que demanda tempo, onde o alinhamento é processual. Contudo, nesse viés os traços dos outros, entre eles meu caminhar acadêmico, minha cultura, minhas crenças, meus outros, me constrói e fala comigo na escrita.

Em suma, tenho vivido na execução do meu projeto, esse constante retroalimentar da subjetivação a partir da objetivação do eu escritor, encontrando nesse sentido um processo salutar da produção acadêmica, essas formas de se construir não tem sido fácil, mas percorível.

Trata-se de uma subjetividade da ordem da história e de uma autoria da ordem do outro, podendo pensa-las como um processo contínuo, daí o sujeito e o autor se constituírem de processo de subjetivação.

Ana Patrícia Gadelha da Costa Silva¹²

Experiências com os elementos da pesquisa e da escrita: Tecendo palavras - um caminho a partir do imaginário

A nossa pesquisa propõe uma investigação acerca da aproximação entre a Filosofia e a Literatura no ensino de Filosofia. Sendo assim, buscaremos compreender, mediante narrativas dos trabalhos dos estudantes, os processos de desenvolvimentos de ensino-aprendizagem a partir da obra “O Mundo de Sofia”, desvelando as relevâncias das criatividades e da imaginação. Então, consideramos essas abordagens delineadas, previamente, como relevantes, sobretudo para a construção do conhecimento no campo das ciências humanas e, em especial, para o âmbito do ensino de Filosofia.

As observações feitas por Uyeno (2009), no que diz respeito a uma instauração de categorias de identificação imaginária, além de uma identificação simbólica, extraídas das concepções de Jaques Lacan (1901 – 1981), refletem alguns aspectos dos percalços que é possível enfrentarmos, durante uma pesquisa de mestrado. Essas ocorrências se dão, devido às dificuldades de escrita e de produção de pesquisas serem, para Uyeno (2009), efeitos de um processo de “identificação”, na visão lacaniana, e de “subjativação”, na ótica foucaultiana.

Segundo Uyeno (2009), o conceito de “identificação”, em Lacan, designa a emergência de uma nova instância psíquica – o Eu, que em Lacan, corresponde ao outro. Desse modo, o estranhamento e as sensações de angústias, diante das dificuldades da escrita do mestrando, fazem com que ele, em algumas situações, não se sinta como produtor do seu próprio texto. Segundo a autora, ocorre uma “inteligibilidade” do discurso, em alguns casos, e em outros, pode haver dificuldades de incorporar as perspectivas teóricas ao seu texto.

A autoria da nossa pesquisa ocorre na medida em que buscamos compreender, por meio das narrativas dos estudantes, os processos de desenvolvimentos de ensino-aprendizagem a partir da obra “O Mundo de Sofia”, demonstrando a imaginação e a criatividade dos estudantes, a partir de um determinado imaginário. Assim, nas articulações de um grupo de estudantes específicos com uma obra específica, acreditamos em formas de autorias próprias, muito embora, com comportamentos, norteados, inevitavelmente, pelas diversas culturas.

Levando em conta as “camadas culturais da história”, as “mitologias”, a “etnologia” e a “linguística”, segundo Durand (2012), avançamos em universos entrelaçados que não devem ser ignorados nas análises referentes a um “imaginário” específico, tal como o “imaginário religioso”, presente no livro *Vita Brevis*.

É importante compreender que, por um lado, a atividade imaginativa e criadora dos estudantes abrange uma “fantasia inconsciente”, não verbal. E, por lado, o “reino da imaginação”, de acordo com Bachelard (2019), suscita devaneios dinâmicos que despertam uma forma de resistência adormecida nas profundezas da matéria.

¹² Atualmente é professora de Filosofia, Sociologia, Projeto de Vida e Protagonismo Juvenil na Escola de Referência em Ensino Médio Professor Humberto Soares em Petrolina - PE e formadora pela Mérito Assessoria, EducaFocus e Lima e Almeida Associados nessas mesmas disciplinas. Mestranda em Filosofia pelo IF Sertão Pernambucano – PROF- FILO.

No tocante ao “imaginário”, Durand (2004) concluiu que o pensamento humano configura uma forma de representação, passando por articulações simbólicas, enquanto o “imaginário” constitui um tipo de conector obrigatório pelo qual se formam representações do pensamento humano.

Entendemos o “outro”, com base na categoria conceitual de Lacan, mostrada no texto de Uyeno (2009), como certas identificações assimiladas que temos com outros indivíduos. Desse modo, em Lacan, o “Eu” corresponde ao “outro”. No que diz respeito à linguagem, a ideologia e a consideração do social e do histórico, no decurso da pesquisa, Uyeno (2009) entende que não devem preterir-los, para que possamos solucionar alguns problemas dos pesquisadores.

Talvez a sensação da falta de autonomia de alguns pesquisadores, muitas vezes, aprisionados aos corpos teóricos, sistematizados, ou mesmo aos mecanismos curriculares, aumentem as dificuldades da escrita. Às vezes, são vedados e poucos caminhos são percorridos pelo próprio autor, sem a utilização de um relevante ou irrelevante “suporte teórico”, que muitas vezes parece emudecê-lo, aprisionando-o numa série de reprodução e de colagem de ideias alheias. Além disso, as relações de orientadores e orientandos enfrentam muitas dificuldades, de várias ordens: desde a falta de autonomia do pesquisador até as questões de ordem institucional e burocrática. Desse modo, entendemos que as relações entre orientandos e orientadores devem ser capazes de fazerem com que os pesquisadores desenvolvam suas próprias ideias, solidificadas pelos suportes das orientações.

Conclusão

Faguet (2009, p. 15) afirma que a leitura de um texto filosófico gera a necessidade de comparação do filósofo com ele mesmo, sem cessar um momento desta busca da precisão do conceito. Significa também ver o que nele é sentimento, ideia sentimental, ideia resultante de uma mistura de sentimento e ideias, ideia ideológica, ou seja, resultante de uma lenta acumulação, das ideias do autor ou de quem está produzindo/lendo o texto.

Contudo, na experiência com os estudantes do prof-filo, unidade IFSertãoPE, nos processos de intervenção em sala de aula sobre o uso do texto (apesar de serem fragmentos filosóficos é inegável que o pensamento é envolvido pela força do pensamento especulativo, conceitual. Segundo Benetti, (2006, p.121) é se deixar “afetar pelas forças dos acontecimentos”, pois estas força a pensar, uma vez que “as diferenças surgem nas composições das forças que constituem um determinado contexto sociocultural” e não apenas na relação abstrata dos conceitos entre si.

O que se observou é que os encontros com os textos filosóficos tiveram a possibilidade de provocar efeitos nos mestrados, e um desses efeitos foi a produção do pensamento, ou seja, a produção escrita a partir de sua interpretação própria do mundo. Parte-se do entendimento da leitura não como uma premissa hermenêutica/exegética, mas como análise do texto. Ora, esse processo se inicia com a sua própria desconstrução em nível linguístico, procurando, inicialmente o significado dos termos que não são conhecidos. Logo em seguida, da tentativa de identificar os pronomes nas frases, a explicitar os nomes, e, finalmente, identificar os termos filosóficos que poderão ser utilizados ou não nas respectivas pesquisas dos mestrados.

O fato é que o diálogo com o texto não se esgota numa primeira apreensão dele, o texto, mas é uma ação contínua, não dogmática, não acabada em si. Nesse

aspecto, o ato de ler, interpretar modifica a natureza do texto em múltiplas facetas. Facetas estas que não se limitam apenas no texto.

O contato com as diferentes possibilidades de textos, ao mesmo tempo que a inferência das múltiplas interpretações igualmente aceitáveis para o entendimento, auxiliam na produção de uma visão crítica sobre a própria realidade que se confronta com o texto. Com efeito, aprender a formar-se na escuta da leitura e formar-se na reexaminação dos pressupostos subtendidos no texto e na própria leitura do texto.

Bibliografia

BACHELARD, G. **A terra dos devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. Trad. Maria Ermanita de A. P. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

BENETTI, Cláudia Cisiane. **Filosofia e ensino. Singularidade e diferença: entre Lacan e Deleuze**. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

CASTIANO José. *Filosofia: da Sagacidade à Intersubjectivação com Viegas*. 2015.

Cendales, Lola *et al.* A semente tem sua própria dinâmica: sobre as origens e os rumos da Investigación-Acción Participante (IAP) – Entrevista com Orlando Fals Borda. *In*: Brandão, Carlos Rodrigues & Streck, Danilo Romeu (org). **Pesquisa Participante: a partilha do saber**. Aparecida: SP. Editora: Ideias e Letras, 2006. P (55 – 92).

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **O que é Filosofia?** 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELORS, J. eT. aL. **Educação um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1997.

DERRIDA, Jacques. **Margem da Filosofia**. São Paulo: Papyrus, 1991.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do Imaginário**. Trad. Helder Godinho. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

_____. **O Imaginário**: ensaios acerca das ciências e da filosofia da imagem. Trad. Renée Eve Levié. 3ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

FAGUET, Émile. **A arte de ler**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009

Fanon, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. – Salvador:BA. Editora: EDUFBA, 2008.

FARAONI, Alexandre; CARVALHO, Débora de C. **Ser protagonista: sociologia: Ensino Médio**. São Paulo: Edições SM, 2014.

FARIAS JR, João Batista. **Responsabilidade política pelo mundo comum**: diálogos entre Hans Jonas e Hannah Arendt. 2021, pp. 7.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, revisão de Lígia Vassalo. Petrópolis: Vozes, Lisboa : Centro do Livro Brasileiro, 1972.

Freire, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade**: e outros escritos. 4ª Ed.- Rio de Janeiro: RJ. Editora: Paz e Terra, 1979.

- GUERRA, Maria José; AMARAL, Wagner Roberto. **A construção da identidade e os regimes de visibilidade dos povos indígenas na universidade**. Muitas Vozes, Ponta Grossa, v.3, n.1, p. 53-68, 2014.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Filosofia do direito**. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2010.
- HONNETH, A. **Luta por reconhecimento**. Editora 34: São Paulo, 2009.
- HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais** (Trad. Luiz Repa). São Paulo: Ed. 34, 2003.
- JONAS, Hans. **O Princípio Responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Rio de Janeiro: PUC, 2006.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós: Ensaio sobre a alteridade**. Trad. Pergentino Stefano Pivatto (Coordenador). 5 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- MELLONI, M. Um discurso que não faz semblant. In MARIANI, B. (Org.) **A Escrita e os Escritos**. São Carlos: Editora Claraluz, 2006, pp. 215-222.
- NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos Ídolos**. Trad: Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2006
- NGOENHA, Severino Elias; CASTIANO, José Paulino. **Pensamento Engajado: ensaios sobre Filosofia Africana, Educação e Cultura Política**. Maputo: Editora Educar – Universidade Pedagógica. 2011.
- PESSOA, Simone. **Dissertação não é bicho-papão: desmistificando monografias, teses e escritos acadêmicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005, pp. 45-50.
- PODRANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho científico**. 2 ed. Rio Grande do Sul: Feevale, 2013, pp. 49.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia (vol. III)**. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- SARTRE, J.P. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1996.
- SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- UYENO, Elzira Yoko. LETRAMENTO ACADÊMICO, AUTORIA E ALTERIDADE: UM OLHAR SOBRE O (O)OUTRO DA ESCRITA. **Caminhos da Linguística Aplicada**, Universidade de Taubaté, v. 1, n. 1, p. 27-34, 12 out. 2009.
- VEIGA-NETO, Alfredo. **Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades**. In: PORTOCARRERO, Vera & CASTELO BRANCO, Guilherme (org.). **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro: NAU, 2000. p. 179-217.
- VISCO, Mônica. A escrita da letra e o feminino. In MARIANI, B. (Org.) **A Escrita e os Escritos**. São Carlos: Editora Claraluz, 2006, pp. 195-204.

Recebido em: 09/2024
Aprovado em: 12/2024